

LUGAR DE MULHER

Coordenador: CAROLINA BRITO CARVALHO DOS SANTOS

Autor: HELOÍSE BORDIN

A luta das mulheres por maior espaço na vida profissional tem várias conquistas, como por exemplo as mulheres são a maioria das formandas das universidades e também a maioria das matrículas e conclusões nos ensinos fundamental e médio. Apesar destes dados, uma análise mais cuidadosa dos números nos indica que algumas carreiras se mantiveram redutos masculinos. Este é o caso das áreas de exatas e tecnologias (CeT - engenharias, física, química, matemática e computação), onde as mulheres são apenas um terço do total de pessoas formadas. E o pior dos aspectos: o percentual de mulheres em cargos mais elevados da carreira diminui desproporcionalmente. Uma das causas da baixa representatividade feminina nas áreas de CeT é a ausência de modelos. Ou seja, as meninas não buscam estas áreas porque não se sentem representadas nelas. É portanto importante a difusão de modelos de mulheres diversas que trabalham nestas áreas e meninas jovens que são interessadas em CeT. Para criar modelos, produziremos mensalmente uma série de vídeos curtos (com duração média de cinco minutos) cujos títulos são Lugar de Mulher. Estes vídeos buscam difundir a ideia de que o lugar da mulher é onde ela queira estar. Para este objetivo, gravamos depoimentos de mulheres empregadas nos campos de CeT (na universidade ou na indústria) ou meninas interessadas nestas áreas. Elas falam sobre suas histórias de vida e sua realização profissional, salientando algumas dificuldades enfrentadas e também sucessos. A produção dos vídeos Lugar de Mulher está no seu quinto ano e é uma parceria entre alguns professores e técnicos do Instituto de Física da UFRGS e a UFRGS-TV. . Ao longo deste tempo já foram produzidos mais de 40 vídeos que podem ser acessados em: <https://videos.ufrgs.br/ufrgstv/menu/lugar-de-mulher>. Em cada ano tínhamos uma linha de campanha: em 2014 foram entrevistadas mulheres bem sucedidas, já com carreiras bem estabelecidas. No ano de 2015, selecionamos meninas ainda em estágios recentes de suas carreiras, no final da graduação ou no mestrado e doutorado. Em 2016, a campanha se focou em meninas mais jovens, que estavam ainda no ensino médio. E em 2017 o foco foram as mulheres negras e transexuais que trabalham em áreas de CeT. A proposta para o ano de 2018 é destacar a transversalidade dos estereótipos de gênero. Esta história, alguns exemplos, alguns números do nosso projeto serão discutidos na Tertúlia para trocar ideias e experiências sobre o tema de gênero na

ciência mas também num contexto mais amplo deste debate.